

Os riscos do agroterrorismo

Susceptível com a eminente entrada de novas pragas e doenças, o Brasil precisa se armar 'com unhas e dentes' para enfrentar a chamada "bio-globalização". A movimentação crescente em escala global de pessoas e bens dissemina, nos quatro cantos do Planeta, fungos, bactérias, vírus e ácaros.

Muitos agentes são tão devastadores à produção e à economia nacional quanto os focos de febre aftosa de Mato Grosso do Sul.

Coordenado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Agência Brasileira de Inteligência (Abin), um grupo estratégico de estudiosos e pesquisadores traçou um quadro preocupante em curto prazo. Os riscos de bioterrorismo e agro-terrorismo são crescentes. O caso extremo e assustador é o da gripe aviária, que se deslocou da Ásia para a Europa.

Há uma crítica velada na implementação de medidas preventivas pelo Brasil, no sentido de evitar a chegada de bens e produtos carregados desses minúsculos e perniciosos agentes de doenças.

BICUDO E FERRUGEM

Sob a ótica da produção nacional, ao promover a introdução intencional de pragas e doenças, a "bio-globalização" é uma grande ameaça. Como motivo de investigações pelo governo, existem casos passados que sugerem a prática de bioterrorismo e agro-terrorismo contra o Brasil.

Nos anos 70, entrou pelo aeroporto de Viracopos, em Campinas (SP), diretamente dos Estados Unidos, o vetor do bicudo, praga que dizimou a cotonicultura de São Paulo, Paraná e do Nordeste do País.

Em 2003, aconteceu a introdução da ferrugem asiática da soja.

Havia registros de esporos do fungo no Paraguai, a 200 quilômetros da fronteira nacional. Logo após, a doença apareceu no meio de Mato Grosso. Na época, o governo protestou contra a presença de um funcionário do Departamento de Agricultura dos EUA na região por sua suposta participação na introdução do fungo.

Uma das consequências imediatas do agro-terrorismo é o impacto nas transações comerciais de países. O embargo chinês à soja brasileira por causa de sementes contaminadas por agrotóxicos trouxe enormes prejuízos.

Com capacidade de dizimar as lavouras do Sul da Bahia, a monília do cacaueiro é uma das principais ameaças ao Brasil. Sua agressividade pode superar a vassoura-de-bruxa porque fica durante oito meses nos hospedeiros. A praga foi identificada no Peru e pode entrar no País pelo Acre.

BESOIRO

Já o besouro asiático, incrustado em embalagens de madeira, pode destruir as plantações de pinus e eucaliptos, enquanto a cochonilha rosada ataca mais de 100 espécies

de frutas e o ácaro do arroz é um risco para as tradicionais plantações do sul do País.

Na área animal, o registro do mal da vaca louca, que atinge o sistema nervoso dos animais e tem uma variante humana (o mal de Creutzfeldt-Jacob), fecharia todos os mercados para a carne bovina nacional e teria um impacto brutal nas vendas internas. O Brasil cresceu no mercado externo justamente a partir da do mal da vaca louca na Europa e nos EUA.

Com ameaça de virar uma pandemia, a gripe aviária seria um desastre à produção nacional, sem considerar que pode se tornar uma doença que afeta os seres humanos.

Diante da escassez de recursos financeiros, humanos e materiais, as atuais estruturas de fiscalização e vigilância nos principais pontos de entrada no País não trazem a segurança necessária para o Brasil. Está na hora de uma convergência institucional e real interação do governo com o setor privado. Uma interação mais forte, por exemplo, entre os Ministérios da Agricultura, do Meio Ambiente e da Saúde.

Está em discussão a proposta de criação do sistema nacional de segurança biológica e de um plano estratégico de vigilância de portos, aeroportos e fronteiras. A Embrapa e a Abin trabalham em conjunto com o Grupo de Trabalho da Amazônia (GTAM), que reúne Ministério da Defesa, Polícia Federal e os comandos do Exército, Marinha e Aeronáutica. Embora não haja risco zero, existem instrumentos e conceitos de gestão para minimizá-lo. Uma vez sabido que da Amazônia se origina grande parcela das principais ameaças ao País, cabe um conjunto de medidas específicas, pois senão as fronteiras poderão continuar totalmente descobertas para a livre entrada de pragas e doenças. ■

